

ESSENCIAL
PADRE
ANTÔNIO VIEIRA

Organização e introdução de
ALFREDO BOSI



Sermão vigésimo sétimo do Rosário

*Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Jechonias genuit Salathiel.*¹

I

Uma das grandes cousas que se veem hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da África continuamente estão passando a esta América. A armada de Eneias, disse o príncipe dos poetas, que levava Troia a Itália: *Illium in Italiam portans*: e das naus, que dos portos do mar Atlântico estão sucessivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Etiópia ao Brasil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de água as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato: entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram o mar Vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do cativoiro; estes atravessam o mar oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América e para viver e morrer cativos. *Infelix genus hominum* (disse bem deles Mafeu) *et ad servitutem natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios: naquela o que geram os pais e o que criam a seus peitos as mães, é o que se

vende, e se compra. Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos das próprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes miseráveis, e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dous estados de Jó, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miséria no mesmo teatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banquetecendo, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses; os senhores em pé apontando para o açoute, como estátuas da soberba e da tirania, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilíssimas da servidão, e espetáculos da extrema miséria. Oh Deus! Quantas graças devemos à fé, que nos destes, porque ela só nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo Vossa justiça e providência. Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aquece o mesmo Sol? Que estrela é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?

E se as influências da sua estrela são tão contrárias e nocivas, como se não comunicam ao menos aos trabalhos de suas mãos, e como maldição de Adão, às terras que cultivam? Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue inocente houvessem de medrar, nem crescer e não produzir, senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bênçãos de doçura, que sobre elas derrama o Céu; que as mesmas plantas são o fruto, e o fruto tão precioso, abundante e suave, que ele só carrega grandes frotas, ele enriquece de tesouros o Brasil, e enche de delícias o mundo. Algum grande mistério se encerra logo nesta transmigração: e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que não havendo em todo o oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas pátrias a estas gentes e as traz ao exercício do cativoiro, é sempre com vento à popa, e sem mudar vela.

Estas são as considerações que eu faço, e era bem que fizessem todos, sobre os juízos ocultos desta tão notável transmigração, e seus efeitos. Não

há escravo no Brasil, e mais quando vejo os mais miseráveis, que não seja matéria para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender que Deus que criou estes homens tanto à sua imagem e semelhança, como os demais, os predestinasse para dous infernos um nesta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tão devotos e festivos diante dos altares da Senhora do Rosário, todos irmãos entre si, como filhos da mesma Senhora; já me persuado sem dúvida que o cativo da primeira transmigração é ordenado por sua misericórdia para a liberdade da segunda.

De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho: uma em que foram levados os filhos de Israel da sua pátria para o cativo de Babilônia: *In transmigrationem Babylonis*:² e outra, em que foram trazidos do cativo de Babilônia para a sua pátria: *Et post transmigrationem Babylonis*.³ A primeira transmigração, e do cativo, durou setenta anos: a segunda, e da liberdade, não teve fim, porque chegou até Cristo. E como ordenou Deus a primeira transmigração para a segunda? Assim como ordenou que de Josias nascesse Jeconias: *Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus*.⁴ Em todo este Evangelho, quando ele historialmente diz que um patriarca gerou outro patriarca, quer dizer no sentido místico, que da significação do nome do pai nasceu a significação do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomeia no mesmo Evangelho, que é Davi. Davi, diz a série das mesmas gerações, que gerou a Salomão: *David autem rex genuit Salomonem*.⁵ E que quer dizer, que Davi gerou a Salomão? Davi significa o guerreiro, Salomão significa o pacífico: e nascer Salomão de Davi quer dizer que da guerra havia de nascer a paz: e assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Josias gerou a Jeconias no cativo de Babilônia: *Josias autem genuit Jechoniam in transmigratione Babylonis*. Saibamos agora qual é a significação destes dous nomes, Josias do pai, e Jeconias do filho. Josias significa *ignis Domini*, o fogo de Deus: Jeconias significa *praeparatio Domini*, a preparação de Deus. Diz pois o texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babilônia o fogo de Deus gerou a preparação de Deus. Por quê? Porque o fogo queima e alumia: e no cativo de Babilônia não só queimou Deus e castigou os israelitas, mas também os alumiou: e porque os castigou e alumiou no cativo da primeira transmigração: *In transmigratione Babylonis*: por isso, e com isso,

os dispôs e preparou para a liberdade da segunda: *Et post transmigrationem Babylonis.*

Eis aqui, irmãos do Rosário pretos (que só em vós se verificam estas significações), eis aqui o vosso presente estado, e a esperança que ele vos dá do futuro: *Josias autem genuit Jechoniam et fratres ejus.* Vós sois os irmãos da preparação de Deus, e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do cativo, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de cativos: e posto que esta seja de opressão, também como fogo vos alumiu juntamente, porque vos trouxe à luz da fé, e conhecimento dos mistérios de Cristo, que são os que professais no Rosário. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do cativo temporal vos estão Deus, e sua Santíssima Mãe, dispondo e preparando para a segunda transmigração, que é a da liberdade eterna. Isto é o que vos hei de pregar hoje para vossa consolação. E reduzido a poucas palavras, será este o meu assunto: que a vossa irmandade da Senhora do Rosário vos promete a todos uma carta de alforria: com que não só gozeis a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida; mas também vos livreis nesta do maior cativo da primeira. Em lugar das alvíssaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a graça com que vos possa persuadir a verdade dela. *Ave Maria* etc.

II

Enquanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera uma universal transmigração, que é de Babilônia para Jerusalém, e do desterro deste mundo para a pátria do Céu. Vós porém que viestes, ou fostes trazidos das vossas pátrias para estes desterramentos; além da segunda e universal transmigração, tendes outra, que é a da Babilônia, em que mais ou menos moderada, continuais o vosso cativo. E para que saibais como vos deveis portar nele, e não sejais vós mesmos os que o acrescenteis; vos quero, primeiro que tudo, explicar qual ele é, e em que consiste. Procurarei que seja com tal clareza, que todos me entendais. Mas quando assim não suceda (porque a matéria pede maior capacidade da que podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agostinho na vossa África. contentar-me-ei

que me entendam vossos senhores e senhoras: para que eles mais devagar vos ensinem, o que a vós e também a eles muito importa saber.

Sabei pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo homem é composto de corpo e alma; mas o que é e se chama escravo, não é todo o homem, senão só ametade dele. Até os gentios que tinham pouco conhecimento das almas, conheceram esta verdade e fizeram esta distinção. Homero, referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Jupiter viro, quem alii servire necesse est, aufert dimidium.*⁶ Quer dizer que aqueles homens a quem Júpiter fez escravos, os partiu pelo meio e não lhe deixou mais que uma ametade que fosse sua; porque a outra ametade é do senhor a quem servem. E qual é esta ametade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não há dúvida que é a ametade mais vil, o corpo. Excelentemente Sêneca: *Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior ejus excepta est.*⁷ Quem cuida que o que se chama escravo, é o homem todo, erra e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o domínio alheio, e não pode ser cativa. O corpo, e somente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Só o corpo do escravo (diz o grande filósofo) é o que deu a fortuna ao senhor: este comprou, e este é o que pode vender. E nota sapientissimamente que o domínio que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza senão a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit;* porque a natureza como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fez iguais, a todos livres. Falando São Paulo dos escravos e com escravos, diz que obedeçam aos senhores carnais: *Obedite dominis carnalibus.*⁸ E que senhores carnais são estes? Todos os intérpretes declaram que são os senhores temporais como os vossos, aos quais servis por todo o tempo da vida: e chama-lhe o apóstolo senhores carnais: porque o escravo, como qualquer outro homem, é composto de carne e espírito, e o domínio do senhor sobre o escravo só tem jurisdição sobre a carne, que é o corpo, e não se estende ao espírito, que é a alma.

Esta é a razão por que os escravos entre os gregos se chamavam corpos. Assim o refere Santo Epifânio, e que o uso comum de falar entre eles era, não que tal ou tal senhor tinha tantos escravos, senão que tinha tantos corpos. O mesmo diz Sêneca, que se usava entre os romanos. E é erudição

que ele ensina a seu discípulo Lucílio: porque ainda que a notícia dos vocábulos seja de todos, saber a origem deles é só dos que sabem as cousas e mais as causas: *Quando quidem dominium corporibus dominatur, et non animis, propterea servos corpora vocaverunt, ut usum corporum ostenderent.*⁹ Sabes, Lucílio, por que os nossos maiores chamaram aos escravos corpos? Porque o domínio de um homem sobre outro homem só pode ser no corpo e não na alma. Mas não é necessário ir tão longe como a Roma e à Grécia. Pergunto: neste vosso mesmo Brasil quando quereis dizer que fulano tem muitos ou poucos escravos, por que dizeis que tem tantas ou tantas peças? Porque os primeiros que lhes puseram este nome, quiseram significar, sábia e cristãmente, que a sujeição que o escravo tem ao senhor, e o domínio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. Os homens não são feitos de uma só peça, como os anjos e os brutos. Os anjos e os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o anjo, porque todo é espírito; o bruto, porque todo é corpo. O homem não. É feito de duas peças, alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma destas peças, e a capaz de domínio, que é o corpo; por isso chamais aos vossos escravos peças. E se esta derivação vos não contenta: digamos que chamais peças aos vossos escravos, assim como dizemos uma peça de ouro, uma peça de prata, uma peça de seda, ou de qualquer outra cousa das que não têm alma. E por este modo ainda fica mais claramente provado que o nome de peça não compreende a alma do escravo, e somente se entende e se estende a significar o corpo. Este é o que só se cativa, este o que só se compra e vende, este o que só tem debaixo de sua jurisdição a fortuna, e este enfim o que levou de Jerusalém a Babilônia a transmigração dos filhos de Israel, e este o que traz da Etiópia ao Brasil a transmigração dos que aqui se chamam escravos, e aqui continuam seu cativoiro.

III

De maneira, irmãos pretos, que o cativoiro que padeceis, por mais duro e áspero que seja, ou vos pareça, não é cativoiro total, ou de tudo o que sois, senão meio cativoiro. Sois cativos naquela ametade exterior e mais vil de

vós mesmos, que é o corpo; porém na outra metade interior e nobilíssima, que é a alma, principalmente no que a ela pertence, não sois cativos, mas livres. E suposto este primeiro ponto, segue-se agora que saibais o segundo, e muito mais importante, e que eu vos declare, se essa parte ou metade livre, que é a alma, pode também por algum modo ser cativa, e quem a pode cativar. Digo pois que também a vossa alma, como as dos mais, pode ser cativa: e quem a pode cativar, não são vossos senhores, nem o mesmo rei, nem outro algum poder humano, senão vós mesmos, e por vossa livre vontade. Ditosos de vós aqueles que de tal modo se compuseram com a sorte do seu meio cativo, que se sirvam da sua própria servidão, e se saibam aproveitar do que nela, e com ela, podem merecer! Mas o mal e a miséria, que totalmente vos fará miseráveis, é que fazendo-vos a vossa fortuna cativos só no corpo, vós muito por vossa vontade cativais também a alma. Dous casos notáveis se viram na transmigração de Babilônia. Houve uns daqueles cativos e desterrados que tendo licença e liberdade para tornar para a pátria, quiseram antes ficar no seu cativo: e houve outros e quase todos que sendo aquele cativo só do corpo, eles se não contentaram com ser meio cativos, mas para o ser inteira e totalmente, cativaram também as almas. Com grande fundamento se pode pôr em questão: se para a natureza humana se sujeitar e precipitar aos vícios, é maior tentação a liberdade ou o cativo? O certo é que nesta mesma ocasião mostrou por experiência o cativo, não só ter maiores forças para tentar, senão também para vencer. Porque entre todos os cativos que foram muitos mil, só um Tobias se achou que não cativasse a sua alma. Assim o diz e celebra dele por grande maravilha a Escritura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit.*¹⁰ Tão ordinária e universal miséria é que os meios cativos não sejam só cativos de meias, senão totalmente, e em uma e outra metade cativos: cativos no corpo, e cativos juntamente na alma.

E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se cativam as almas; quem são os que as vendem, e a quem as vendem, e por que preço? Respondo que os que as vendem, é cada um a sua: a quem as vendem, é ao Demônio: o preço por que as vendem, é o pecado. E porque a alma é invisível, e o Demônio também invisível, e estas vendas não se veem: para que não cuideis que são encarecimentos e modos de falar, senão verdades de fé, sabeis que assim está definido por Deus, e repetido muitas vezes em

todas as Escrituras Sagradas. São Paulo, aquele grande apóstolo, que foi levado em vida ao Céu, e depois tornou do Céu à Terra, para ensinar aos homens o que lá vira e aprendera, falando desta venda da alma diz assim: *Lex spiritualis est. Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato.*¹¹ Sabeis, diz São Paulo, como os homens vendem a sua alma? Ouvi-me com atenção, eu vo-lo direi: *Lex spiritualis est*: a lei é espiritual: *Ego autem carnalis sum*: e o homem é carnal. A lei é espiritual; porque ordena o que convém ao espírito e à alma: o homem é carnal; porque naturalmente apetece o que pede a carne e o corpo. Da parte da lei está Deus mandando que seja obedecido, e prometendo que aos que a guardarem dará depois o Céu: da parte da carne está o Demônio aconselhando que se não guarde a lei, e prometendo ao homem que logo e de contado, lhe dará o gosto ou interesse, que pede o seu apetite. Posta pois a alma como em leilão, entre Deus e o Demônio, entre a lei e o pecado: que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas nossas ações e resoluções? Em vez de receber o lança de Deus, aceita o do Demônio, e tanto que consentindo no pecado, ficou a alma cativa, e rematada a venda: *Venundatus sub peccato*. É o que diz Santo Agostinho na exposição deste mesmo texto: *Unusquisque peccando animam suam Diabolo vendit, accepta, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis*. A primeira venda, e o primeiro leilão de almas que se fez neste mundo, foi no Paraíso terreal. De uma parte estava Deus, mandando que se não comesse da fruta vedada: da outra parte estava a serpente instigando que se comesse: E que sucedeu? Eva, que representava a carne, inclinou à parte do Demônio; e porque Adão, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer ao preceito de Deus, seguiu o apetite da carne; ali ficaram vendidas ao Demônio as duas primeiras almas, e dali trouxe a sua origem a venda das demais.

Dizei-me, brancos e pretos, não condenamos todos a Adão e Eva? Não conhecemos que foram ignorantes e mais que ignorantes; loucos e mais que loucos; cegos e mais que cegos? Não somos nós os mesmos, que lhes lançamos pragas e maldições, pelo que fizeram? Pois por que fazemos o mesmo, e vendemos as nossas almas, como eles as venderam? Ouçam primeiro os brancos um exemplo em que vejam a sua deformidade, e logo mostraremos outro aos pretos, em que vejam a sua. De el-rei Acab afirma a história sagrada que foi o pior rei que houve entre todos os de Israel; porque pecando, e para pecar, se vendeu: *Non fuit alter talis sicut Achab*,

*qui venundatus est, ut faceret malum.*¹² O mesmo lhe disse o profeta Elias na cara. Perguntou-lhe o rei: *Num invenisti me inimicum tibi?*¹³

Porventura, Elias, achaste em mim alguma coisa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo? Sim, achei, respondeu o profeta: porque achei que és tal, que te vendes para ofender a Deus: *Inveni, eo quod venundatus sis, ut faceres malum in conspectu Domini.* Não se queixou Elias das ofensas que lhe tinha feito Acab, mas das que fazia contra Deus: nem se queixou de não ser o rei amigo do seu profeta, senão de que sendo rei, se vendia e fazia escravo: *Eo quod venundatus sis, ut faceres malum.*

E que males e pecados eram aqueles em que Acab se vendia? Dous principalmente, refere a Escritura: um geral, com que obrigava os súditos a que adorassem os ídolos de ouro de Jeroboão, proibindo que não fossem ao templo do verdadeiro Deus: e outro particular, em que naquela ocasião tinha consentido que falsamente fosse condenado à morte Naboth, para lhe confiscar e tomar a sua vinha. Vede se é bom exemplo este para os régulos do nosso Recôncavo. É possível que por acrescentar mais uma braça de terra ao canavial, e meia tarefa mais ao engenho em cada semana, haveis de vender a vossa alma ao Diabo? Mas a vossa, já que o é, vendei-lha, ou revendei-lhe, embora. Porém as dos vossos escravos, por que lhas haveis de vender também, antepondo a sua salvação aos ídolos de ouro, que são os vossos malditos, e sempre mal logrados interesses? Por isso os vossos escravos não têm doutrina: por isso vivem e morrem sem sacramentos: e por isso, se lhe não proibis a igreja, com sutileza de cobiça, que só podia inventar o Diabo (para que o diga na frase do vulgo) não quereis que vão à porta da igreja. Consentis que os escravos e escravas andem em pecado, e não lhes permitis que se casem, porque dizeis que casados servem menos bem. Oh razão (quando assim fora) tão digna do vosso entendimento como da vossa cristandade! Prevaleça o meu serviço ao serviço de Deus, e com tanto que os meus escravos me sirvam melhor, vivam e morram em serviço do Diabo. Espero eu no mesmo Deus que terá misericórdia da sua miséria, e das suas almas: mas das vossas almas e desta vossa, que também é miséria, não tenho em que fundar tão boas esperanças.

Passemos ao exemplo mais próprio dos escravos, os quais por nenhum respeito devem vender a sua alma, ainda que lhes houvesse de custar a vida. Depois que el-rei Antíoco, por sobrenome o Ilustre, saindo da Grécia

com poderoso exército, dominou a Jerusalém, e com ela a todas as relíquias que tinham escapado da transmigração de Babilônia (que nem sempre os homens levam consigo o cativo aos desterros, mas talvez o mesmo cativo os vem buscar a sua casa); mandou o bárbaro, e insolente rei, que em toda Judeia se não guardasse a lei de Deus, senão somente as suas, e que os deuses, a que se oferecessem os sacrifícios, fossem os da gentilidade, que ele adorava. Que vos parece que fariam em um tão apertado caso os miseráveis cativos? Mal fiz em lhes chamar miseráveis indistintamente. Uns foram miseráveis, fracos e vis, outros fortes, constantes e gloriosos. Os miseráveis, fracos e vis, diz o texto, que por ganharem a graça dos senhores, obedeceram, e fazendo-se gentios venderam as suas almas: *Et juncti sunt Nationibus, et venundati sunt, ut facerent malum*:¹⁴ pelo contrário os fortes, constantes e gloriosos, por não venderem as almas, perderam animosamente as vidas, que da graça dos senhores nenhum caso fizeram. Bem se viu aqui que os corpos somente são os cativos, as almas não. Eram os senhores tão tiranos, que lhes cortavam os dedos das mãos e dos pés; que lhes arrancavam os olhos e as línguas; que os frigiam e torravam vivos em sertãs ardentes; e com outros esquisitos tormentos lhes fixavam as inocentes vidas; mas eles antes queriam padecer e morrer que vender as almas. Julgai agora vós, que vos achais na mesma fortuna de escravos, quais destes obraram melhor: se os que venderam as almas para agradar aos senhores, ou os que quiseram antes perder a vida que cativar a alma. Não estais dizendo todos que o valor e constância destes são dignos de eternos louvores? Sim. Pois a estes vos digo que imiteis. Por graça e mercê grande de Deus, ainda que escravos e cativos, não estais em terra, onde vossos senhores vos hajam de obrigar a deixar a fé. Mas é certo que sem se perder, nem arriscar a fé, se pode perder e vender a alma. E no tal caso (que pode acontecer muitas vezes) tende bem na memória o exemplo que acabastes de ouvir, para que não falteis à vossa obrigação. Se o senhor mandasse ao escravo, ou quisesse da escrava coisa que ofenda gravemente a alma, e a consciência; assim como ele o não pode querer, nem mandar, assim o escravo é obrigado a não obedecer. Dizei constantemente, que não haveis de ofender a Deus: e se por isso vos ameaçarem e castigarem, sofri animosa e cristãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martírios.

IV

Temos visto que assim como o homem se compõe de duas partes, ou de duas ametades, que são corpo e alma, assim o cativo se divide em dous cativos: um, cativo do corpo, em que os corpos involuntariamente são cativos e escravos dos homens: outro, cativo da alma, em que as almas por própria vontade se vendem, e se fazem cativas e escravas do Demônio. E porque eu vos prometi, que a Virgem, Senhora nossa do Rosário, vos há de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior cativo; para que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa que saibais e entendais primeiro qual destes dous cativos é o maior. A alma é melhor que o corpo, o Demônio é pior senhor que o homem, por mais tirano que seja; o cativo dos homens é temporal, o do Demônio eterno: logo nenhum entendimento pode haver, tão rude e tão cego, que não conheça que o maior e pior cativo é o da alma. Mas como a alma, o Demônio, e este mesmo cativo, como já disse, são cousas que se não veem com os olhos: onde acharei eu um meio proporcionado à vossa capacidade com que vos faça visível esta demonstração? Fundemo-la no mesmo vosso cativo, que é a cousa para vós mais sensível. Pergunto: Se Deus nesta mesma hora vos libertara a todos do cativo em que estais, e de repente vos vísseis todos livres e forros: não seria uma estranha e admirável mercê que Deus vos faria? Pois muito maior é, e de muito maior e mais subido valor, a mercê que a Senhora do Rosário vos fará, em livrar vossas almas do cativo do Demônio, e do pecado. No nosso Evangelho o temos.

Faz repetida menção o Evangelho do cativo de Babilônia, e do cativo do Egito nenhuma memória faz. O cativo de Babilônia sucedeu no tempo de Jeconias, o do Egito no tempo de Judas: pois assim como diz o evangelista: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigracione Babylonis*: por que não diz também: *Judam, et fratres ejus in captivitate Aegypti*? O reparo e a resposta são de São Crisóstomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitatis Babylonicae meminit, non autem descensus in Aegyptum? Quia illuc non propter peccata abducti fuerant; huc vero ob scelera traslati sunt.*¹⁵ No tempo dos mesmos patriarcas que se referem na genealogia de Cristo, sucedeu o cativo do Egito, e também o de Babilônia: e se quereis

saber por que o evangelista, na mesma genealogia, faz menção do cativo de Babilônia, e passa em silêncio o cativo do Egito; a razão é, diz Crisóstomo, porque os do cativo de Babilônia foram lá levados por pecados, em castigo das grandes maldades que tinham cometido na sua pátria: porém os do cativo do Egito não foram ao Egito por pecados, senão chamados por seu irmão José, e depois cativos pela tirania de Faraó. E como o cativo do Egito foi só temporal e dos corpos, cativos não por pecados próprios, senão pela tirania alheia: e o cativo de Babilônia pelo contrário foi cativo espiritual, e das almas, cujos pecados as tinham feito escravas do mesmo pecado e do Demônio: por isso este só cativo se refere na genealogia de Cristo, o qual não veio libertar os homens do cativo temporal, e do corpo, senão do espiritual, e da alma. Excelentemente por certo assim ponderado como respondido.

E se buscarmos o princípio fundamental, por que Cristo sendo redentor do gênero humano, só veio remir e libertar os homens do cativo das almas, e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto, é porque para libertar do cativo dos homens, bastavam homens; para libertar do cativo do Demônio e do pecado, é necessário todo o poder de Deus. Estes mesmos filhos de Israel de que falamos, foram muitas outras vezes cativos de diversas nações; cativos logo em seu nascimento dos egípcios; cativos depois dos mesopotâmios; cativos dos amonitas; cativos dos cananeus; cativos dos madianitas; cativos dos filisteus. E de todos estes cativos os livrou sempre Deus por meio de homens. Do cativo dos egípcios por Moisés; do cativo dos mesopotâmios por Otoniel; do cativo dos amonitas por Aod; do cativo dos cananeus por Barac; do cativo dos madianitas por Gedeão; do cativo dos filisteus por Jefté. Assim que para libertar do cativo de homens, bastam homens. E se instardes que os cativos da transmigração de Babilônia não só eram cativos dos babilônios, senão também cativos do Demônio e do pecado, como acabamos de ver, e que contudo os libertou um homem, que foi el-rei Ciro; agora entenderéis o mistério, porventura até agora não entendido, das palavras de Isaías, falando deste mesmo cativo e desta mesma liberdade.

*Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator:*¹⁶ Verdadeiramente, ó rei Ciro, em ti está escondido Deus, e não só escondido como Deus, senão como salvador e libertador de Israel. Pois se Isaías fala da liberdade do cativo de Babilônia, e Ciro, como rei da mesma Babilônia, foi o que

libertou aos filhos de Israel daquele cativo: por que diz que Deus como libertador de Israel estava escondido no mesmo Ciro? Porque no cativo de Babilônia havia juntamente dois cativos, pelos quais os mesmos filhos de Israel eram dobradamente escravos: um cativo temporal e dos corpos, pelo qual eram cativos de el-rei Ciro, e outro espiritual e das almas, pelo qual eram cativos do Demônio e do pecado: do cativo dos corpos libertou-os o rei homem, que como homem bastava para os libertar, e como rei podia; do cativo do Demônio e do pecado, como os não podia libertar nenhum homem, foi necessário que concorresse também Deus como libertador: *Deus Israel Salvator*: porque só Deus os podia libertar daquele cativo. E por que acrescenta o profeta que Deus estava escondido em Ciro: *Vere tu es Deus absconditus*? Porque assim como um cativo era oculto, e o outro público, assim foram os dois libertadores, um público, outro escondido. O cativo dos corpos era público, e como público libertou Ciro os cativos publicamente: porém o cativo das almas e do Demônio era oculto e invisível; e como oculto e invisível os libertou também Deus oculto e invisivelmente, e por isso escondido: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*.

Em suma, que é tal e tão imensamente maior que toda a infelicidade o cativo das almas escravas do Demônio e do pecado, que só Deus por si mesmo as pode resgatar e libertar de tal cativo. E isto é como dizem Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Hilário e os mais padres, o que Isaías quis ensinar historialmente no cativo de Babilônia, e profeticamente no de todo o gênero humano, resgatado e libertado, não por outrem, senão pelo mesmo Filho de Deus em pessoa, quando com o preço infinito de seu sangue nos remiu na cruz. Os discípulos de Emaús, e os outros mais rudes da escola de Cristo, cuidavam que a sua vinda ao mundo fora para libertar os filhos de Israel da sujeição e cativo dos romanos: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*:¹⁷ mas por isso mereceram o nome de homens néscios, e de tardo e baixo coração: *O stulti et tardi corde*.¹⁸ Porventura para libertar os filhos de Israel do jugo dos romanos, faltava-lhe a Deus uma vara de Moisés, uma queixada de Sansão, uma funda de Davi, uma espada do Macabeu? Mas estas armas e estes braços só bastam para libertar do cativo dos corpos; porém para o cativo das almas, e para as libertar do jugo do Demônio, e do pecado, só tem forças e poder o mesmo Deus, e esse com ambos os

braços estendidos em uma cruz. Vede, vede bem, quanto vai de cativo a cativo, de resgate a resgate, e de preço a preço. Com admirável energia o ponderou São Pedro, como se falara convosco, vendidos e comprados por dinheiro.

*Scientes, quod non corruptilibus, auro vel argento redempti estis: sed pretioso sanguine quasi Agni immaculati Christi.*¹⁹ Exorta o apóstolo a todos a que tratem da salvação de suas almas, e de as conservar em graça: e para isso diz que consideremos que não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue do Filho de Deus. Nas quais palavras é muito digno de ponderar, que não só nos manda São Pedro considerar o preço por que fomos resgatados, senão também o preço por que não fomos resgatados. O preço por que não fomos resgatados, que é o ouro e a prata: *Non corruptilibus auro, vel argento:* e o preço por que fomos resgatados, que é o sangue do Filho de Deus: *Sed pretioso sanguine quasi Agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o cuidado e vigilância da salvação de nossas almas, o único e maior motivo é a consideração de que Deus as resgatou com o sangue de seu próprio Filho: por que ajunta o apóstolo na mesma consideração o preço com que não foram resgatadas, que é o ouro e a prata? Porque o seu principal intento nestes dous preços que nos manda considerar foi para que da diferença dos resgates conhecêssemos a diferença dos cativos. Para resgatar do cativo do corpo, basta dar outro tanto ouro, ou prata, quanto custou o escravo vendido. Mas para resgatar do cativo da alma, quanto ouro, ou prata será bastante? Bastará um milhão? Bastarão dous milhões? Bastará todo o ouro de Sofala, e toda a prata de Potosi? Oh vileza e ignorância das apreensões humanas! Se todo o mar se convertera em prata, e toda a terra em ouro: se Deus criara outro mundo, e mil mundos de mais preciosa matéria que o ouro, e mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço não seria bastante para libertar do cativo do Demônio e do pecado uma só alma por um só momento. Por isso foi necessário que o Filho de Deus se fizesse homem, e morresse em uma cruz, para que com o preço infinito de seu sangue pudesse resgatar e resgatasse as almas do cativo do Demônio e do pecado. E deste cativo tão dificultoso, e tão temeroso e tão imenso, é que eu vos prometo a carta de alforria pela devoção do Rosário da Mãe do mesmo Deus.

V

Para prova desta carta de alforria me perguntareis vós com razão, e também os que têm mais letras que vós, como pode isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo com que o Filho da mesma Senhora, Cristo, libertou do mesmo cativo do Demônio e do pecado a todo o gênero humano. E se me instardes ainda que vos diga mais declaradamente qual é este modo? Digo que não é dando a Senhora aos escravos a escritura da liberdade, senão tirando das mãos do Demônio a escritura do cativo. Ouvi um texto tão grande como o mesmo assunto: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, quod erat contrarium nobis, et ipsum tulit de medio, affigens illud cruci: et expolians principatus, et potestates.*²⁰ São palavras de São Paulo: nas quais diz que quando Cristo morreu na cruz, despojou os demônios, tirando-lhes das mãos a escritura que tinham contra nós, e que depois de apagar quanto nela estava escrito, a fixou na mesma cruz. Agora resta saber que escritura era esta? E posto que os santos padres e intérpretes declaram variamente o literal dela, todos uniformemente vêm a dizer que era escritura de venda, pela qual o homem pelo pecado entrega a sua alma ao Demônio, e fica obrigado por ela às penas eternas que a justiça divina lhe tem decretadas. E assim como paga a dívida, nenhuma força nem vigor tem já a escritura que o acredor tinha em sua mão: assim Cristo morrendo na cruz com o mesmo sangue com que pagou a dívida do pecado, apagou juntamente a escritura pela qual o homem tinha vendido a sua alma ao Demônio, e se tinha feito seu escravo: *Delens quod adversus nos erat chirographum*. De maneira, que para Cristo libertar o homem do cativo do Demônio não deu ao homem nova escritura de liberdade, mas tirou ao Demônio a escritura de cativo, pela qual o mesmo homem se lhe tinha vendido. E isto é o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

Os pecados pelos quais os homens se vendem ao Demônio, como notou São João, são três, em que se compreendem todos: soberba, cobiça, sensualidade. E em todos os três temos a prova das escrituras de cativo, que a Mãe de Deus, como seu Filho, tira das mãos do Demônio para pôr em liberdade os que lhe venderam as almas. É famoso e celebrado de todos os padres antigos o caso de um chamado Teófilo. o qual vendo-se

... e por outro lado, o caso de um chinês, como, o qual vendo-se afrontado por um falso testemunho e não achando meio lícito com que se restituir à opinião e honra perdida, por intervenção de um feiticeiro se valeu do Demônio, e depois de renegar de Deus e da Virgem Maria, lhe passou um escrito de sua letra e sinal, em que se lhe entregava por perpétuo escravo. Tanto pode com os soberbos a vã estimação da própria honra. Outro, que refere o beato Alano, vendo-se em grande miséria de pobreza, e não lhe aproveitando nenhuma indústria para ser rico, como insanamente desejava, recorreu também ao Demônio, e depois da mesma cerimônia herética e blasfema com que renunciou a Deus e a sua Mãe, lhe passou na mesma forma escrito de perpétua servidão. A que sacrilégios não precipita os ânimos mortais a execranda fome da cobiça? Finalmente outro, referido por Torselino, depois de empregar e empenhar sem efeito na conquista de uma mulher honesta e constante, todos aqueles extremos de que se costuma servir em semelhante desatino a cegueira e loucura do amor profano, acudiu por último remédio, ou por último precipício aos poderes do Demônio, ao qual com as mesmas cláusulas do seu formulário infernal, se vendeu e cativou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudera pedir um escravo da sensualidade.

Todos estes escravos do Demônio, em confirmação do pacto com que se tinham vendido, conseguiram o que o mesmo Demônio lhe prometera: o soberbo, o crédito perdido; o cobiçoso, a riqueza desejada; o sensual, a torpeza resistida. Mas depois que o ardor do apetite esteve em todos satisfeito, e por isso já menos cego: que fariam as tristes almas vendo-se vendidas? Maior era agora a força do arrependimento do que tinha sido a fúria do mesmo apetite. E não se descuidando o Demônio em mostrar a cada um a sua firma e o seu escrito, pouco faltou que daquele infelicíssimo estado não caíssem todos no último da desesperação. Recorrendo porém todos por extraordinária luz, e mercê do Céu, ao único patrocínio da Mãe de misericórdia, com gemidos, lágrimas, penitências e contínuas orações: ainda assim era justo que achassem fechadas as portas da misericórdia em Deus, e na Mãe de Deus, os que tinham negado a ambos. Mas qual vos parece que seria o fim, não de um, senão de três casos, tão dificultosos e horrendos? De dous ladrões na cruz, um se salvou para exemplo da misericórdia, e outro se condenou para exemplo da justiça. Porém onde entra vossa soberana mão, oh Virgem piedosíssima, não há essas exceções,

nem piedade de meias. A todos os três restituiu a poderosíssima Senhora as suas escrituras, tirando-as por força das mãos do Demônio, e entregando-as outra vez aos mesmos que as tinham escrito, para que metessem e apagassem no fogo as letras com que eles se tinham condenado ao fogo, que se não apaga. É o que fez Cristo na cruz: *Delens quod adversus nos erat chirographum*. E é a proporção que achou entre Cristo e sua Mãe, o antigo Geômetra, quando elegantemente chamou à mesma Senhora, *Spongiam nequitiae nostrae adversus Diaboli scripturam*.

Este foi o modo com que a Virgem Senhora nossa, à imitação de seu Filho, não fazendo, senão desfazendo escritura, deu carta de liberdade a estes três escravos do Demônio. E eles que fizeram? Todo o resto da vida empregaram em louvar e dar graças por tão singular e extraordinário benefício à soberana autora dele. O escravo da cobiça, que foi em tempo de São Domingos, rezava o Rosário: o escravo da soberba, que foi muito antes de haver Rosário, sem essa ordem, mas com perpétuas repetições saudava a Senhora com a ave-maria: o escravo da sensualidade, que recebeu o seu escrito na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena*: repetia o mesmo infinitas vezes. De sorte que todos os três rezavam o Rosário, só com uma diferença: que no primeiro era o Rosário enfiado, nos outros desenfiado. E este exemplo devem tomar os pretos, para quando a força da ocupação, ou do trabalho, lhe não permitir enfiarem as suas ave-marias pela ordem dos mistérios: invocando porém sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E têm mais alguma cousa que imitar? Sim, e a maior. Pela carta de liberdade que receberam os três escravos do Demônio, não se trataram como forros, senão como cativos de quem os libertou. Assim fizeram, e assim o deviam fazer, porque este é não só o primor, senão a obrigação de todos aqueles a quem Deus livra do cativo do Demônio do pecado.

Quando Cristo morreu na cruz, já vimos como nela apagou as escrituras de todos os que em Adão e depois dele se tinham vendido ao Demônio. Agora notai que depois de ressuscitado, quando subiu triunfante ao Céu, ao modo dos triunfadores romanos, levou diante de si todos os que até então tinha tirado das masmorras do mesmo cativo. Assim o canta Davi, mas por termos em que parece, nega o que celebra, e desdiz o que quer dizer. No texto da Vulgata diz que quando Cristo subiu ao Céu, cativou o

cativeiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem*:²¹ na versão de São Paulo diz que levou os cativos cativos: *Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem*.²² Pois se o Senhor não levou no seu triunfo senão os que tinha libertado; e porque os tinha libertado, eles foram todo o despojo das suas vitórias; e eles a maior pompa, ostentação e majestade do mesmo triunfo; como diz Davi, que então cativou o cativeiro e levou diante de si os cativos, não livres, senão cativos? Porque a mesma liberdade com que Cristo os libertou, foi novo cativeiro com que os tornou a cativar; e porque os levava libertados e livres, os levou novamente cativos. A liberdade é um estado de isenção que uma vez perdido, nunca mais se recupera: quem foi cativo uma vez, sempre ficou cativo: porque ou o libertam do cativeiro, ou não: se o não libertam, continua a ser cativo do tirano: se o libertam, passa a ser cativo do libertador. E isto é o que sucedeu a todos os que Cristo libertou na cruz, apagadas as escrituras do seu cativeiro. Antes da liberdade cativos, e depois da liberdade também cativos: antes da liberdade cativos do Demônio, a quem se venderam; depois da liberdade cativos de Cristo, que os resgatou: antes da liberdade cativos do pecado, depois da liberdade cativos de Deus, como diz o apóstolo: *Liberati a peccato, servi autem facti Deo*.²³ Desta maneira se mostraram agradecidos à sua carta de alforria aqueles três cativos, cativando-se de novo, e fazendo-se escravos da mesma Senhora que os libertara. E o mesmo devem fazer todos os que se acham ainda no cativeiro de Babilônia, e querem sair dele. Cativem-se para se libertarem, e façam-se escravos da Senhora do Rosário, para não serem escravos do Demônio, se ainda o são; ou para se conservarem livres, se já estão fora do cativeiro. Apaguem a marca do Demônio, que é marca de cativos, e ponham em seu lugar a marca do Rosário, que é marca de livres. E se quereis saber qual é a figura desta marca: digo que uma rosa. Conta-se no Segundo Livro dos Macabeus²⁴ que aos cativos de Jerusalém mandou o tirano marcar com uma folha de hera, para se professarem escravos do deus Baco, a quem era dedicada aquela planta. E que marca mais própria dos escravos do Rosário que uma rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo cativeiro, mas como público sinal e selo da sua carta de alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis uma marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosário: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum*.²⁵ As voltas de contas que trazeis nos pulsos e ao pescoço (falo com as pretas)

sejam todas das contas do Rosário. As do pescoço caídas sobre os peitos, serão a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum*: e as dos pulsos como braceletes, serão a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum*: e uma e outra marca, assim no coração como nas obras, serão um testemunho e desengano público para todos, de que já estão livres vossas almas do cativo do Demônio e do pecado, para nunca mais o servir: *Et post transmirationem Babylonis*.

VI

Livres por este modo do maior e mais pesado cativo, que é o das almas, ainda ficais escravos do segundo, que é o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar que é menos inteira a mercê que a Senhora do Rosário vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosário para livrar do cativo do corpo, se tem visto em inumeráveis exemplos dos que estando cativos em terra de infiéis por meio da devoção do Rosário se acharam livres, e depois de oferecerem aos altares da mesma Senhora os grilhões e cadeias do seu cativo quebradas, como troféus do seu poder e misericórdia, as penduraram nos templos. Quando Deus desceu a libertar o seu povo do cativo do Egito,²⁶ por que cuidais que apareceu a Moisés na sarça? Porque a sarça, como dizem todos os santos, era figura da Virgem Senhora Nossa: e quis Deus já então fazer manifesto ao mundo, que a mesma Virgem Santíssima não só era o instrumento mais proporcionado e eficaz da divina onipotência, para libertar os homens do cativo das almas (que por isso a escolheu por Mãe, quando veio remir o gênero humano), senão também para os libertar do cativo dos corpos, qual era aquele que padecia o povo no Egito debaixo do jugo de Faraó. Assim que poderosa era a Mãe do Redentor para vos livrar também deste segundo e menor cativo. Mas é particular providência de Deus, e sua, que vivais de presente escravos e cativos, para que por meio do mesmo cativo temporal, consigais muito facilmente a liberdade eterna.

Somos chegados à segunda parte da alforria, que vos prometi, e a um ponto, no qual só vos falta o conhecimento e bom uso do vosso estado, para serdes nele os mais venturosos homens do mundo. Sobre esta matéria

só vos hei de alegar com os dous príncipes dos apóstolos, São Pedro e São Paulo, os quais a trataram muito de propósito em vários lugares, falando com os escravos tão seriamente, como se falaram com os imperadores de Roma, e tão alta e profundamente, como se falaram com os sábios da Grécia. Para que não cuidem os que desprezam os escravos, que este assunto (e mais em terra onde há tantos) seja menos digno de se empregarem nele com todas as forças da eloquência, e com toda a eficácia do espírito, os maiores pregadores do Evangelho. Fala pois o apóstolo São Paulo com os escravos, e diz assim em dous lugares: *Servi, obedite per omnia dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum. Quodcumque facitis, ex animo operamini sicut Domino, et non hominibus: scientes quod a Domino accipietis retributionem haereditatis. Domino Christo servite.*²⁷ Escravos (diz São Paulo), obedeci em tudo a vossos senhores, não os servindo somente aos olhos, e quando eles vos veem, como quem serve a homens; mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade: advertindo outra vez, que servia a Deus, o qual vos há de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Enfim, servi a Cristo: *Domino Christo servite.*

Deixando esta última palavra para depois; só pondero agora aquelas: *Scientes quod a Domino accipietis retributionem haereditatis.* Duas cousas promete Deus aos escravos pelo serviço que fazem a seus senhores, ambas não só desusadas, mas inauditas: que são paga e herança: *Retributionem haereditatis.* Notai muito isto. Quando servis a vossos senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem eles vos pagam o vosso trabalho. Não sois seus herdeiros, porque a herança é dos filhos, e não dos escravos: e não vos pagam o vosso trabalho, porque o escravo serve por obrigação, e não por estipêndio. Triste e miserável estado, servir sem esperança de prêmio em toda a vida, e trabalhar sem esperança de descanso senão na sepultura! Mas bom remédio, diz o apóstolo (e isto não são encarecimentos, senão fé católica). O remédio é que quando servis a vossos senhores, não os sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *sicut Domino, et non hominibus:* porque então não servis como cativos, senão como livres, nem obedecis como escravos, senão como filhos. Não servis como cativos, senão como livres; porque Deus vos há de pagar o vosso

trabalho: *Scientes quod accipietis retributionem*: e não obedecéis como escravos, senão como filhos; porque Deus, com quem vos conformais nessa fortuna, que ele vos deu, vos há de fazer seus herdeiros: *Retributionem haereditatis*. Dizei-me: se servísseis a vossos senhores por jornal, e se houvésseis de ser herdeiros da sua fazenda, não os serviríeis com grande vontade? Pois servi a esse mesmo que chamais senhor, servi a esse mesmo homem, como se servísseis a Deus: e nesse mesmo trabalho, que é forçoso, bastará a voluntária aplicação deste como: *Sicut Domino*: como a Deus: para que Deus vos pague como a livres, e vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quod accipietis retributionem haereditatis*.

Isto diz São Paulo. E São Pedro, que diz? Ainda levanta e aperta mais o ponto. E depois de falar com os cristãos de todos os estados em geral, se dilata mais com os escravos, e os anima a suportarem o da sua fortuna com toda esta majestade de razões: *Servi, subditi estote in omni timore Dominis, non tantum bonis, et modestis, sed etiam dyscolis*.²⁸ Escravos, estai sujeitos, e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injustos. Esta é a suma do preceito e conselho que lhes dá o príncipe dos apóstolos, e logo ajunta as razões dignas de se darem aos mais nobres e generosos espíritos. Primeira: porque a glória da paciência é padecer sem culpa: *Quae enim est gloria: si peccantes, et colaphizati suffertis?*²⁹ Segunda: porque essa é a graça com que os homens se fazem mais aceitos a Deus: *Sed si bene facientes patienter sustinetis: haec est gratia apud Deum*. Terceira, e verdadeiramente estupenda: porque nesse estado em que Deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis: quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus*.³⁰ Justissimamente chamei a esta razão estupenda; por que quem haverá que não pasme à vista da baixeza dos sujeitos, com quem fala São Pedro, e da alteza da comparação altíssima, a que os levanta? Não compara a vocação dos escravos a outro grau, ou estado da Igreja, senão ao mesmo Cristo: *In hoc enim vocati estis, quia et Christus passus est*. Mais ainda. Não para aqui o apóstolo; mas acrescenta outra nova, e maior prerrogativa dos escravos, declarando por quem padeceu Cristo, e para quê: *Quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum*. Sempre reparei muito na diferença daquele *Nobis*, e daquele *Vobis*. A

Paixão de Cristo teve dous fins: o remédio e o exemplo. O remédio foi universal para todos nós: *Passus est pro nobis*: mas o exemplo não duvida São Pedro afirmar que foi particularmente para os escravos, com quem falava: *Vobis relinquens exemplum*. E por quê? Porque nenhum estado há entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciência de Cristo, e para seguir as pisadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus*.

Oh ditosos vós, outra e mil vezes, como dizia, se assim como Deus vos deu a graça do estado, vos der também o conhecimento, e bom uso dele! Sabeis qual é o estado do vosso cativo, se usardes bem dos meios que ele traz consigo, sem acrescentardes nenhum outro? É um estado, não só de religião, mas uma das religiões mais austeras de toda a Igreja. É religião segundo o instituto apostólico e divino, porque se fazeis o que sois obrigados, não servis a homens senão a Deus, e com título nomeadamente de servos de Cristo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, et non hominibus*.³¹ Notai muito aquela palavra *Cum bona voluntate servientes*. Se servis por força, e de má vontade, sois apóstatas da vossa religião: mas se servis com boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiros servos de Cristo: *Domino Christo servite*. Assim como na Igreja há duas religiões da redenção de cativos, assim a vossa é de cativos sem redenção. Para que também lhe não faltasse a perpetuidade, que é a perfeição do estado. Um estado de descalços, outras de calçados: a vossa é de descalços e despidos. O vosso hábito é da vossa mesma cor; porque não vos vestem as peles das ovelhas e camelos, como a Elias; mas aquelas com que vos cobriu ou descobriu a natureza, expostos aos calores do Sol, e frios das chuvas. A vossa pobreza é mais pobre que a dos menores, e a vossa obediência mais sujeita que a dos que nós chamamos mínimos. As vossas abstinências mais merecem nome de fome que de jejum, e as vossas vigílias não são de uma hora à meia-noite, mas de toda a noite sem meio. A vossa regra é uma, ou muitas, porque é a vontade e vontades de vossos senhores, Vós estais obrigados a eles, porque não podeis deixar o seu cativo, e eles não estão obrigados a vós, porque vos podem vender a outro, quando quiserem. Em uma só religião se acha este contrato para que também a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento não falo, porque não são de reverência, nem de caridade; mas de desprezo e afronta. Enfim, toda a

religião tem fim e vocação, e graça particular. A graça da vossa são açoites e castigos: *Haec est gratia apud Deum*. A vocação é a imitação da paciência de Cristo: *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est*: e o fim é a herança eterna por prêmio: *Scientes quod accipietis retributionem haereditatis. Domino Christo servite*. E como o estado, ou religião do vosso cativo, sem outras asperezas, ou penitências, mais que as que ele traz consigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deus, não só o prêmio de bem-aventurados, senão também a herança de filhos: favor e providência muito particular é da Virgem Maria que vos conserveis no mesmo estado, e grandes merecimentos dele: para que por meio do cativo temporal consigais, como vos prometi, a liberdade, ou alforria eterna.

VII

Crede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantai vossas esperanças, não só ao Céu, senão ao que agora ouvireis que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será então a vossa, e que pasmo e confusão para os que hoje têm tão pouca humanidade que a desprezam, e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizei-me: se assim como vós nesta vida servis a vossos senhores, eles na vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notável, e uma glória para vós nunca imaginada? Pois sabeis que não há de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus que quando servis a vossos senhores, não sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus*? Pois esta mudança de fortuna, que digo, não há de ser entre vós, e eles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão de servir no Céu, não hão de ser vossos senhores: que muitos pode ser que não vão lá: mas quem vos há de servir é o mesmo Deus em Pessoa. Deus é o que vos há de servir no Céu, porque vós O servistes na Terra. Ouvi agora com atenção.

Antigamente entre os deuses dos gentios havia um que se chamava Saturno, o qual era deus dos escravos, e quando vinham as festas de Saturno, que por isso se chamavam Saturnais, uma das solenidades era que

os escravos naqueles dias eram os senhores que estavam assentados, e os senhores os escravos que os serviam em pé.³² Mas acabada a festa também se acabava a representação daquela comédia, e cada um ficava como dantes era. No Céu não é assim; porque tudo lá é eterno, e as festas não têm fim. E quais serão no Céu as festas dos escravos? Muito melhores que as Saturnais. Porque todos aqueles escravos que neste mundo servirem a seus senhores como a Deus, não são os senhores da Terra os que os hão de servir no Céu, senão o mesmo Deus em Pessoa o que os há de servir. Quem se atrevera a dizer, nem imaginar tal cousa, se o mesmo Cristo o não dissera? *Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes:*³³ Bem-aventurados aqueles escravos a quem o Senhor no fim da vida achar que foram vigilantes em fazer sua obrigação. E como lhe pagará o mesmo Senhor? Ele mesmo o diz, e afirma com juramento: *Amen dico vobis, quod praecinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis.* Mandará assentar os escravos à mesa e Ele como escravo cingirá o avental, e os servirá a ela. Por este excesso de honra declara Cristo quanto Deus há de honrar aos escravos no Céu, se eles servirem a seus senhores, como se servissem a Deus. Servistes a vossos senhores na Terra, como a mim? Pois eu, que sou o Senhor de vossos senhores, vos servirei no Céu, como vós a eles. São Pedro Crisólogo: *En pavenda conversio servitutis: quia parumper servus astitit Domini sui expectatione succinctus: et cui ut talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!*³⁴ Oh mudança de servidão (diz Crisólogo) não só admirável e estupenda, mas tremenda! Que porque o escravo serviu, e esperou a Deus um pouco de tempo, se dissimule a divindade dentro em si mesma, e o mesmo Deus no Céu sirva ao escravo! E isto faz Deus (diz elegante, e discretamente o santo) porque assim como na Terra há lei de talião para os delitos, assim no Céu tem lei de talião para os prêmios: *Ut talionem redderet.*

Mas porque não pareça que excede os termos da rigorosa teologia, dizer que servirá Deus como escravo no Céu aos escravos que serviram a Deus na Terra; ouvi ao príncipe dos teólogos, Santo Tomás, sobre este mesmo texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjicit, quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.*³⁵ O Deus onipotente de tal maneira se sujeita a todos os que santamente O serviram, como se Deus fora escravo comprado de cada um, e cada um dos que assim o serviram fora do mesmo Deus. Vede, vede se

vos está melhor servir a vossos senhores, como a Deus, ou servidos, como a homens. Depois de os servirdes toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar deles na Terra é uma esteira de tábua por mortalha; e se os servirdes como a Deus, o que haveis de alcançar d'Ele no Céu é que vos servirá e honrará por toda a Eternidade, como se vós, aqui miserável escravo, fôsseis seu Deus, e Ele vosso escravo comprado: *Quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.*

E para que do mesmo que experimentais e gozais na Terra, julgueis o que será no Céu, ponde os olhos naquele altar. O mesmo benigníssimo Senhor, que no desterro e no cativo vos põe consigo à mesa, que muito é que no Céu vos sirva a ela? Foi questão entre os filósofos antigos: Se era justo e decente que os senhores admitissem consigo à mesa, e pusessem a ela os seus escravos? Os estoicos, que era a seita mais racional, e entre os gentios a mais cristã, ensinavam que os senhores deviam admitir os escravos à sua mesa, e louvavam a humanidade dos que isto faziam e se riam da soberba dos que se desprezavam de o fazer. *Servi sunt* (dizia o maior mestre da mesma seita). *Servi sunt? Imo homines. Servi sunt? Imo contubernales. Servi sunt? Imo humiles amici. Servi sunt? Imo conservi. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo coenare.*³⁶ Todas estas razões de Sêneca se reduzem a uma, que é serem também homens os que são escravos. Se a fortuna os fez escravos, a natureza fê-los homens: e porque há de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, que a igualdade da natureza para a estimação? Quando os desprezo a eles, mais me desprezo a mim; porque neles desprezo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza. A esta razão forçosa em toda a parte se acrescenta outra no Brasil, que convence a injustiça, e exagera a ingratidão. Quem vos sustenta no Brasil, senão os vossos escravos? Pois se eles são os que vos dão de comer, por que lhes haveis de negar a mesa, que mais é sua que vossa? Contudo a majestade, ou desumanidade da opinião contrária, é a que prevalece, e não só não são admitidos os escravos à mesa, mas nem ainda às migalhas dela, sendo melhor a fortuna dos cães, que a sua, posto que sejam tratados com o mesmo nome. Que importa porém que os senhores os não admitam à sua mesa, se Deus os convida e regala com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Tomás, e com ele toda a Igreja). *O res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus, et humilis!* O escravo pobre e humilde não só come à mesa com seu senhor, mas come ao mesmo

Senhor. Comparai agora mesa com mesa, e senhor com Senhor, e ride-vos com Sêneca dos que ainda neste ponto se não descem da autoridade de senhores: *Rideo istos qui turpe existimant cum servo suo coenare.*

E se Deus, sendo escravos, vos põe à sua mesa na Terra, que muito é que tendo-o prometido, e estando vós já livres do cativo, vos haja de servir à mesa no Céu, sendo a mesa, não outra, senão a mesma? Todos os reparos que podia ter esta admiração, já Cristo os deixou desfeitos na instituição do mesmo sacramento. Antes de Cristo instituir o soberano mistério do Santíssimo Sacramento, preparou-se a Si, e preparou os discípulos. E quais foram as preparações? Duas em uma só ação, que foi o lavatório dos pés. A sua, servindo-os como escravo; e a dos discípulos, obrigando-os a que se deixassem servir como senhores. E se Cristo serviu aos homens como escravo, porque os havia de pôr à sua mesa na Terra, que muito haja de servir aos escravos já livres quando os tiver à sua mesa no Céu: *Faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis?* Esta é a mudança sobre toda a admiração estupenda, com que então vereis trocada a vossa fortuna, cá servindo aos homens, e lá sendo servidos do mesmo Deus. Mas o que agora importa, é que de nenhum modo falteis à obrigação com que só se promete a felicidade desta mudança à presente miséria de vossa fortuna. E qual é, se não estais bem lembrados? É que vós também mudeis a intenção, e troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendo-o de forçoso voluntário, e servindo a vossos senhores como a Cristo, e debaixo dos homens a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficareis duas vezes forros e livres: livres do cativo do Demônio pela liberdade das almas, e livres do cativo temporal pela liberdade eterna: que são os dous cativos da primeira transmigração de Babilônia, e as duas liberdades da segunda: *In transmigracione Babylonis. Et post transmigracionem Babylonis.*

VIII

Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometi. E porque esta é a última vez que hei de falar convosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se muito

necessário para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigracione Babylonis*. Este Jeconias e estes seus irmãos, quem foram? Todos foram reis e filhos de reis, e reis do reino de Judá, fundado pelo mesmo Deus, e o mais famoso do mundo: e nada disto bastou para que não fossem levados cativos a Babilônia, e lá tratados como vilíssimos escravos; um carregado de cadeias, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de ver com eles matar em sua presença os próprios filhos. Em significação deste cativo andava o profeta Jeremias pelas ruas e praças de Jerusalém com uma grossa cadeia ao pescoço.³⁷ E a esta acrescentou depois outras cinco, as quais mandou aos reinos e reis confinantes, pelos seus embaixadores que residiam naquela corte. Uma ao rei de Edom, outra ao rei de Moab, outra ao rei de Ámon, outra ao rei de Tiro, outra ao rei de Sidônia; porque todos no mesmo tempo haviam de ser cativos, como foram pelos exércitos dos caldeus. Pois se os cetros e coroas não livraram do cativo a tantos reis, e depois de adorados dos seus vassallos, se viram escravos dos estranhos; estas voltas tão notáveis da roda da fortuna vos devem consolar também na vossa. Se isto sucede aos leões e aos elefantes, que razão podem ter de se queixar as formigas? Se estes nascidos em palácios dourados, e embalados em berços de prata, se viram cativos e carregados de ferros: vós nascidos e criados nas brenhas da Etiópia, considerai as grandes razões que tendes, para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos dela. O que haveis de fazer é consolar-vos muito com estes exemplos: sofrer com muita paciência os trabalhos do vosso estado; dar muitas graças a Deus pela moderação do cativo a que vos trouxe; e sobretudo aproveitar-vos dele para trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas há de durar para sempre.

Este foi o documento dos escravos. E os senhores terão também alguma coisa que tirar deste cativo de Babilônia? Parece que não. Eu (está dizendo cada um consigo), eu por graça de Deus sou branco e não preto; sou livre e não cativo; sou senhor e não escravo; antes tenho muitos. E aqueles que se viram cativos em Babilônia, eram pretos ou brancos? Eram cativos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eram inferiores. Pois se eles se viram abatidos ao cativo sendo necessário para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis ver no mesmo estado, por que

não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos anos tendes para poder experimentar esta mudança; e se velho, poucos bastam. Introduce Macróbio³⁸ em um diálogo dous interlocutores, um chamado Pretextato, grande desprezador dos escravos, e outro que os defendia, chamado Evângelo. Este pois, que só uma letra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licere fortunae; tam tu illum videre liberum potes, quam ille te servum.* Se considerares, ó Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os escravos, como sobre os livres; acharás que este que tu hoje vês escravo, amanhã o podes ver livre: e que ele, que hoje te vê livre, amanhã te pode ver escravo. E senão diz-me: de que idade era Hécuba, Creso, e a mãe de Dario, e Diógenes, e Platão quando se viram cativos? *Nescis qua aetate Hecuba servire coepit, qua Croesus, qua Darii mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

Senhores, que hoje vos chamais assim, considerai que para passar da liberdade ao cativo, não é necessária a transmigração de Babilônia, e que na vossa mesma terra pode suceder esta mudança, e que nenhuma há no mundo que mais a mereça e esteja clamando por ela à divina justiça. Ouvi um pregão da mesma justiça divina por boca do evangelista São João: *Si quis habet aurem, audiat:*³⁹ quem tem ouvidos, e não é surdo aos ouvidos de Deus, ouça. E que há de ouvir! Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet:*⁴⁰ todo aquele que cativar, será cativo. Olhai para os dous polos do Brasil, o do norte, e o do sul, e vede se houve jamais Babilônia, nem Egito no mundo, em que tantos milhares de cativos se fizessem, cativando-se os que fez livres a natureza sem mais direito que a violência, nem mais causa que a cobiça, e vendendo-se por escravos. Um só homem livre cativaram os irmãos de José, quando o venderam aos ismaelitas para o Egito: e em pena deste só cativo, cativou Deus no mesmo Egito a toda a geração e descendentes dos que o cativaram em número de seiscentos mil, e por espaço de quatrocentos anos. Mas para que ir buscar os exemplos fora de casa, e tão longe, se os temos em todas as nossas Conquistas? Pelos cativos da África cativou Deus a Mina, São Tomé, Angola e Benguela: pelos cativos da Ásia cativou Deus Malaca, Ceilão, Ormuz, Mascate, Cochim: pelos cativos da América cativou a Bahia, o Maranhão e debaixo do nome de Pernambuco quatrocentas léguas de costa por vinte e quatro anos. E porque os nossos cativos começaram onde começa a

África, ali permitiu Deus a perda de el-rei d. Sebastião, a que se seguiu o cativo de sessenta anos no mesmo reino.

Bem sei que alguns destes cativos são justos, os quais só permitem as leis, e que tais se supõem os que no Brasil se compram e vendem, não dos naturais, senão dos trazidos das outras partes: mas que teologia há, ou pode haver que justifique a desumanidade e sevícia dos exorbitantes castigos com que os mesmos escravos são maltratados? Maltratados disse, mas é muito curta esta palavra para a significação do que encerra ou encobre. Tiranizados devera dizer, ou martirizados; porque ferem os miseráveis, pingados, lacrados, retalhados, salmourados, e os outros excessos maiores que calo, mais merecem nome de martírios que de castigos. Pois estai certos que vos não deveis temer menos da injustiça destas opressões, que dos mesmos cativos, quando são injustos: antes vos digo que muito mais vos deveis temer delas, porque é muito mais o que Deus as sente. Enquanto os egípcios somente cativavam os filhos de Israel, dissimulou Deus com o cativo; mas finalmente não pôde a divina justiça sofrer a sua mesma dissimulação: e depois das dez pragas com que foram açoitados os mesmos egípcios, acabou de uma vez com eles, e os destruiu e assolou totalmente. E por quê? O mesmo Deus o disse.

*Vidi afflictionem populi mei in Aegypto, et clamorem ejus audivi propter durtiam eorum, qui praesunt operibus.*⁴¹ Vi, diz Deus, a aflição do meu povo, e ouvi os seus clamores pela dureza das opressões com que os carregam, e rigores com que os castigam, os que presidem às obras em que trabalham. Notai duas cousas: a primeira, que se não queixa Deus de Faraó, senão dos seus feitores: *Propter durtiam eorum, qui praesunt operibus*: porque os feitores muitas vezes são os que mais cruelmente oprimem os escravos. A segunda, que não dá por motivo da sua justiça o cativo, senão as opressões e rigores com que sobre cativos o afligiam: *Vidi afflictionem populi mei*. E acrescenta o Senhor, que ouviu os seus clamores: *Et clamorem ejus audivi*: que é para mim um reparo de grande lástima, e para Deus deve ser uma circunstância que grandemente provoque a sua ira. Estão açoitando cruelmente o miserável escravo, e ele gritando a cada açoute, Jesus, Maria, Jesus, Maria; sem bastar a reverência destes dous nomes, para moverem a piedade um homem que se chama cristão. E como queres que te ouçam na hora da morte estes dous nomes, quando chamares por eles? Mas estes clamores que vós não ouvís, sabeí

que Deus os ouve: e já que não tem valia para com o vosso coração, a terão sem dúvida sem remédio para vosso castigo.

Oh como temo que o oceano seja para vós mar Vermelho, as vossas casas como a de Faraó, e todo o Brasil como o Egito! Ao último castigo dos egípcios precederam as pragas, e as pragas já as vemos tão repetidas umas sobre outras, e algumas tão novas e desusadas, quais nunca se viram na clemência deste clima. Se elas bastarem para nos abrandar os corações, razão teremos para esperar misericórdia na emenda: mas se os corações, como o de Faraó, se endurecerem mais, ainda mal, porque sobre elas não pode faltar o último castigo. Queira Deus que eu me engane neste triste pensamento, que sempre aqui e na nossa corte, os mais alegres são os mais cridos. Sabei, porém, que é certo (e fique-vos isto na memória) que se Jeconias⁴² e seus irmãos creram a Jeremias, não seriam cativos: mas porque deram mais crédito aos profetas falsos que os adulavam, assim ele como seus irmãos, todos acabaram no cativeiro de Babilônia: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis.*

1 Mt 1.

2 Mt 1,11.

3 Mt 1,12.

4 Mt 1,11.

5 Mt 1,6.

6 Hom. Clem. Alex. *Strom.* Lib. 4.

7 Sêneca, lib. 3º de Benef., cap. 20.

8 Ef 6,5.

9 Sêneca, Epíst. 47.

10 Tb 1,2.

- 11 Rm 7,14.
- 12 3Rs 21,25.
- 13 3Rs 21,20.
- 14 1Mc 1,11.
- 15 Chrysost. Hom. 4^a in Math.
- 16 Is 45,15.
- 17 Lc 24,21.
- 18 Lc 24,25.
- 19 1Pd 1,17-8.
- 20 Cl 2,14-5.
- 21 Sl 67,19.
- 22 Ef 4,8.
- 23 Rm 6,22.
- 24 2Mac 6,7.
- 25 Ct 8,6.
- 26 Ex 3,2.
- 27 Cl 3,22-4; Ef 6,5 ss.
- 28 1Pd 2,18.
- 29 1Pd 2,20.
- 30 1Pd 2,21.
- 31 Ef 6,6-7.
- 32 Macrobius Saturnal. Lib. 1.
- 33 Lc 12,37.
- 34 *Petr. Chrys.* Serm. 24 de Serv. vigil.
- 35 D. Thomás, opúsculo 63, s. 3.
- 36 Sêneca, livro 6, epíst. 17.
- 37 Jr 27,2-3.
- 38 Macrob. Codem lib. 1^o.
- 39 Ap 13,9.
- 40 Ap 13,10.
- 41 Ex 3,7.
- 42 Jr 37,2 e 18.